



Comunicação de  
Pesquisa

Estrabão

Vol. (4): 528 - 536

©Autores

DOI: 10.53455/re.v4i1.85



Recebido em: 05/06/2023

Publicado em: 26/12/2023

# Os desafios do ensino de Geografia em tempos de pandemia: Uma análise das práticas dos estágios de observação e regência docente

## The challenges of teaching Geography in pandemic times: An analysis of the practices of observation and teaching internships

Yasmin Esmerio de Souza <sup>1A</sup>, Leonor Gularte Soler

### Resumo:

**Contexto:** Este artigo reflete e problematiza a importância do papel do professor de geografia em sala de aula, considerando o contexto do ensino remoto emergencial. A análise reflexiva é baseada em registros produzidos durante os estágios de observação e regência, incluindo cartas pedagógicas escritas nas disciplinas de pré-estágio do Ensino Fundamental e Médio, bem como o relatório de Estágio Curricular Supervisionado do Ensino Médio. Esses registros foram desenvolvidos em escolas públicas das cidades de Pelotas e Rio Grande- RS. **Metodologia:** A abordagem qualitativa foi utilizada na apreciação dos registros, permitindo mostrar as reflexões das autoras - na ocasião, licenciandas - sobre o papel do professor de Geografia. A análise revelou que o ensino remoto emergencial destacou a importância do professor de Geografia em sala de aula, tanto no combate à evasão quanto no processo de ensino-aprendizagem, além de evidenciar o estudo de Geografia para a formação crítica e cidadã dos sujeitos. **Considerações:** O estudo ressalta a relevância do professor de Geografia no contexto do ensino remoto emergencial, demonstrando sua importância tanto para a continuidade do ensino quanto para a formação dos estudantes como cidadãos críticos. Os registros analisados fornecem insights valiosos sobre o papel do professor e a importância do estudo da Geografia na educação.

**Palavras-Chave:** cartas pedagógicas, ensino de Geografia, ensino remoto, relatório de estágio.

### Abstract

**Context:** This article reflects on and problematizes the importance of the role of the geography teacher in the classroom, considering the context of emergency remote teaching. The reflective analysis is based on records produced during observation and teaching stages, including pedagogical letters written in pre-internship disciplines in Elementary and High School, as well as the report of Supervised Curricular Internship in High School. These records were developed in public schools in the cities of Pelotas and Rio Grande-RS. **Methodology:** Qualitative approach was used in the appreciation of the records, allowing to show the authors' reflections - at the time, internship students - on the role of the geography teacher. The analysis revealed that emergency remote teaching highlighted the importance of the geography teacher in the classroom, both in combating dropout rates and in the teaching-learning process, as well as highlighting the study of geography for the critical and citizen formation of individuals. **Considerations:** The study emphasizes the relevance of the geography teacher in the context of emergency remote teaching, demonstrating their importance both for the continuity of education and for the formation of students as critical citizens. The analyzed records provide valuable insights into the role of the teacher and the importance of studying geography in education.

**Keywords:** pedagogical letters, geography teaching, remote teaching, internship report.

*I - Mestranda em Educação e Tecnologia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL)*

*A - Contato principal: yasmin-esmerio98@hotmail.com*

## INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID – 19 ocasionou grandes impactos na população mundial, causando muitas mudanças não só para o cenário econômico, turístico, mas também educacional, afetando todos os níveis de ensino. O isolamento, que pensávamos que duraria poucos dias ou meses, perdurou por quase dois anos, e também impactando no cenário da educação onde milhares de estudantes ficaram distanciados, fisicamente, das instituições escolares. A situação pandêmica, exigiu-nos repensar as práticas pedagógicas presenciais, adaptando-as ao contexto virtual, exigindo a inclusão de novas realidades educativas nos processos de ensino-aprendizagem.

Desse modo, foi necessário que professores, estudantes da educação básica e do ensino superior dos cursos de licenciatura se reinventassem e buscassem novos caminhos para que pudessem concluir seus objetivos. Foi visível, no dia a dia das escolas de educação básica essa transformação. Mesmo com todos os problemas presentes, eram perceptíveis a dedicação e o afincamento dos docentes buscando sua formação continuada para se adequar aos processos de ensino-aprendizagem exigidos por essa nova realidade.

Este artigo foi constituído neste contexto, ou seja, no componente curricular obrigatório pós estágio ofertado no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, de modo remoto emergencial, com o objetivo de refletir e problematizar sobre a importância do papel do professor de geografia em sala de aula, considerando o cenário do ensino remoto emergencial.

Sabe-se que a pandemia reverberou inúmeros desafios e, para os docentes do ensino de geografia a preocupação não foi diferente. Callai (2011) afirma que a geografia escolar é um conhecimento diferente da geografia acadêmica, pois é uma criação particular e original da escola, que responde às finalidades sociais que lhe são próprias. Ou seja, ensinar geografia é fazer com que o aluno perceba, por vários ângulos, escalas, de forma crítica e reflexiva, o espaço geográfico que habita. Sendo assim, o profissional de Geografia tem suma relevância na construção intelectual e social do estudante.

É importante caracterizar que, o professor de Geografia precisou propor diferentes estratégias de ensino-aprendizagem para que todos pudessem compreender melhor as transformações do espaço geográfico e as relações sociais que se materializam no cotidiano. E, durante o pré-estágio do ensino médio e do ensino fundamental, notou-se essa desenvoltura na prática docente. Estes, consistem em observar a realidade da escola/da turma e, neste contexto, observar as interações em aula, a dinâmica do encontro juntamente com o professor regente da turma e membros da coordenação escolar.

Segundo Freire (1996) “se não partirmos de nossas próprias perguntas e das perguntas de nossos educandos que vivem conosco a aprendizagem, não haverá construção de conhecimento” (p.19). Ou seja, a prática da observação pode ser entendida como a compreensão das teorias estudadas na graduação, como forma de refletir sobre a prática futuramente. Assim como diz Silva e Aragão (2012)

[..] a observação é uma ferramenta fundamental no processo de descoberta e compreensão do mundo. O ato de observar pode desencadear muitos outros processos mentais indispensáveis à interpretação do objeto analisado, principalmente se for feito com o compromisso de buscar uma análise profunda dos fenômenos observados”. (SILVA & ARAGÃO, 2012, p.58)

Porém, no Estágio curricular supervisionado os licenciandos vivenciam uma etapa diferente, ao desenvolver na prática tudo que foi construído e discutido na sua formação docente profissional. Conforme Libâneo (1999)

[..] neste enfoque, o estágio supervisionado deve ser considerado como ponto de convergência, levando o estagiário a se preparar para enfrentar o mundo do trabalho, além de contribuir para a formação de sua consciência histórica que deverá ter como princípio articulador a práxis pedagógica, movimento dialógico entre o conhecimento que se converte em ação transformadora e a conversão da ação em conhecimento”. (LIBÂNEO, 1999, p.32)

Sendo assim, o presente artigo consiste na análise dos instrumentos de registros já mencionados, as cartas pedagógicas desenvolvidas no pré-estágio (EF e EM) e um relatório de estágio curricular supervisionado do Ensino Médio. Para alcançarmos o objetivo proposto o texto foi organizado em cinco partes. Inicialmente, apresentamos os atravessamentos metodológicos, suas análises e discussões, em seguida, busca-se expor os desafios de um pré-estágio (estágio de observação) atípico dos ensinos fundamental e médio em Geografia, como também, em seguida, do estágio de docência supervisionado em tempos pandêmicos, por fim desenvolve-se uma reflexão sobre o legado para o futuro pós ensino remoto emergencial e as considerações finais acerca da temática discutida.

## ATRAVESSAMENTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISES E DISCUSSÕES

Como já mencionado, para refletir sobre o papel do professor de geografia em sala de aula, recorreu-se aos registros realizados durante os estágios de observação e regência. São eles, as cartas pedagógicas e o relatório de estágio. As cartas pedagógicas foram produzidas na ocasião dos componentes curriculares de pré-estágio do Ensino Fundamental e Médio, os quais foram realizadas observações das aulas, como também, de reuniões de planejamento dos docentes junto à gestão da escola. Estes registros foram organizados em forma de carta pedagógica que proporciona um conjunto de oportunidades de maneira simples e prática de escrever, possibilitando a partilha de experiência e diálogo com o outro. O relatório de estágio de docência, produzido durante o componente curricular estágio supervisionado do Ensino Médio busca trazer análises e reflexões da práxis pedagógica realizada durante atuação docente, promovendo assim, discussões entre o ensino e a aprendizagem.

Estes registros foram apreciados através de uma abordagem qualitativa utilizando-se uma análise de dados amparada na análise de conteúdo (BARDIN,1977), a partir da realização das seguintes etapas: I) Revisão bibliográfica, quando buscou-se, a partir de estudos de textos da área da Educação, com discussões sobre o ensino remoto nos tempos de pandemia, ensino de Geografia, entre outros; II) Análises reflexiva dos registros dos estágios de observação e regência – cartas pedagógicas e relatório de estágio -, iniciando por uma leitura flutuante; III) Descrição da conclusão das observações dos registros apreciados. É importante ressaltar que, no processo de leitura flutuante dos registros foi feita a seguinte pergunta norteadora “Como percebo o papel do professor?”, para assim reconhecer excertos dos registros contendo reflexões sobre as “importâncias e o papel do professor de Geografia”, o que será discutido na próxima parte deste texto.

No processo de análise dos registros foram atribuídos códigos de referências, sendo que, para a primeira carta pedagógica escrita no dia 29/05/2021, usou-se o código (1CP), para a segunda carta pedagógica escrita no dia 30/05/2021, o código utilizado foi (2CP) e assim por diante. No total foram escritas 10 (dez) cartas pedagógicas, 5 (cinco) em cada período de observação, dos ensinos fundamental e médio cada uma sendo referenciada em (3CP, 4CP, 5CP, 6CP, 7CP, 8CP, 9CP e 10CP). E para o relatório de estágio, foi atribuído o seguinte código (1RE) já que foi observado e realizado somente um.

Para discutir sobre a importância papel do professor observado nos registros analisados, contextualizo que os estágios de observação e regência nos cursos de licenciatura da UFPel estão organizados em componentes curriculares obrigatório e, na Geografia, são ofertados a partir do 5º (quinto) semestre. Em 2021, em decorrência da pandemia da Covid- 19, os estágios foram realizados de modo remoto emergencial. As duas escolas onde realizei as observações são da rede municipal e estadual, ambas localizadas na cidade de Pelotas- RS. Já a terceira instituição onde foi realizado o estágio de regência pertence à rede estadual, localizada no município de Rio Grande- RS.

Após os contatos prévios e autorização dos diretores das escolas, secretaria e coordenação de educação de Pelotas, as observações foram realizadas em turmas de 3º (terceiro) ano e de 6º (sexto) ano, do ensino médio e fundamental, respectivamente. A partir de encontros síncronos e atividades assíncronas realizadas pelas plataformas *Google Classroom*, *Google Meet*, e redes sociais, como grupos no Facebook, foram acompanhadas as interações entre professor e estudantes, bem como as produções dos últimos. Por estas plataformas também eram enviadas atividades, para o trabalho dos conteúdos a partir de questionários. Para as observações, nos componentes curriculares pré-estágio do ensino Fundamental e médio foram construídos, coletivamente, roteiros que serviram de orientação para conversas e elaboração de questionários enviados para gestores,

professores e estudantes.

No estágio de regência do ensino médio o contato se deu, primeiramente por participação em aula, conjuntamente com os colegas, professoras da disciplina de estágio supervisionado curricular ensino médio e com o professor regente da disciplina de Geografia, da escola do município de Rio Grande - RS. Este encontro remoto ocorreu na plataforma e-aula da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde foi discutido sobre as dinâmicas do professor em aula e as formas de abordagem dos conteúdos, para o período pandêmico. Para discutir o que foi registrado nestas experiências, a seguir serão desenvolvidos os seguintes subtítulos: os desafios de um pré-estágio atípico do ensino fundamental e médio em Geografia e o estágio curricular supervisionado do ensino médio em tempos de pandemia, com o intuito de refletir sobre o a importância do papel do professor.

## OS DESAFIOS DE UM PRÉ-ESTÁGIO ATÍPICO DOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO EM GEOGRAFIA

Ensinar de maneira remota tornou-se bastante difícil, conforme também concordam Gonçalves e Avelino (2020) a partir do contexto da pandemia, os professores foram obrigados a utilizar novas metodologias, até então, pouco adotadas pelos professores do ensino regular presencial. Diante desse cenário, a primeira importância sobre o papel do professor, notada nos registros observados foi: a importância do papel do professor de Geografia na elaboração de metodologias de ensino participativa.

Através dos estágios de observação (pré-estágio) foi notória a preocupação do corpo docente das escolas quanto ao uso de novas metodologias de ensino, considerando os seguintes questionamentos: como elaborar algo novo se nem todos possuem acesso a internet? Como ampliar a participação ativa dos alunos? Acerca dessa situação, nas cartas pedagógicas foram percebidas inquietações, tanto em momentos de aula síncrona como nas reuniões pedagógicas. Vale salientar que o ensino de Geografia possibilita aos discentes um olhar crítico e reflexivo dos fenômenos existentes no espaço geográfico. Dessa forma, é fundamental que o professor de Geografia promova essa interação partindo da realidade do aluno. Nóvoa (2020) argumenta que “não há educação sem interação humana” diante disso é necessário que haja conexão docente - discente para consolidar uma educação geográfica significativa.

Embora, o uso das plataformas digitais como *Google Classroom*, *Hangoout*, *Meet*, *Zoom*, *Teams*, *Sway*, *Flipgrid*, *Youtube*, *Instagram*, *Whatsapp*, entre outras ferramentas, tenham se tornado imprescindíveis, trazendo novas propostas metodológicas para o processo de ensino e aprendizagem, também identificou-se as inúmeras limitações levantadas pelo ensino remoto. A falta de acesso a internet, por muitos alunos e professores, são alguns exemplos destas limitações, como também, a carga horária de trabalho exaustiva e da falta de recursos necessários para os docentes se adaptarem ao retorno.

Outro aspecto observado nas cartas foi a importância do papel do professor para combater a evasão escolar. Foi corrente em todas as cartas pedagógicas, a preocupação dos docentes em averiguar estratégias de ensino para o retorno dos alunos ao espaço escolar. Esta foi uma preocupação de Xavier et al (2021) ao manifestar que

[..] a evasão escolar, agravada na pandemia, é bem preocupante, pois irá refletir futuramente na vida desses indivíduos, que por algum motivo tiveram que sair da escola, seja por questões financeiras, por falta de acesso à educação, pelo estado emocional abalado devido ao excesso de informações sobre a doença, a perda de entes queridos e pessoas próximas, pela incerteza do recebimento do auxílio emergencial por parte do governo, entre outros”. (XAVIER et al, 2021, p.23)

Além disso, a saúde mental e emocional em relação ao corpo docente e discente também se tornou motivo de preocupação, colaborando para o aumento do desenvolvimento de transtornos psicológicos como ansiedade, depressão e insônia, afetando consideravelmente estudantes e profissionais da educação (Góes, 2020). Partindo desta realidade, e dos desafios enfrentados ficou claro que a educação, assim como a sociedade

de modo geral, está em constante transformação e, sendo assim, faz-se necessário que os docentes busquem desenvolver formas de participação coletiva com afetividade e diálogo no ambiente escolar, principalmente neste retorno de volta as aulas presenciais.

A importância do papel do professor de Geografia em sala foi percebida nos registros, quando os alunos sentiam dificuldades em aprender. Nas conversas com os alunos, descritas na sétima carta pedagógica (7CP) no dia 11/10/2021, foram reconhecidos relatos de alunos com dificuldades para se concentrar. Como exemplo, citamos a situação do aluno que, por estar sem o aparelho auditivo enfrentava dificuldades para realizar as atividades, com vídeos e, para tanto, tinha que fazer leitura labial. Outro aluno comentou que era ‘muito ruim’ que preferia a explicação da professora ‘ao vivo e a cores’ (7CP), que assim que tomar as duas vacinas da COVID- 19 iria voltar ao presencial.

Outro aluno disse ‘me sinto entediado, não consigo me concentrar, porque a internet desvia a atenção. Meus pais que puxam mais nos estudos’ (7CP). Frente a estes relatos, percebe-se a importância do ensino presencial, e o fato da escola ser considerada um lugar de acolhimento, de afetividade. Neste sentido, o papel do professor, principalmente de Geografia, é o de promover essa interação entre os discentes, buscando alternativas pedagógicas, considerando as necessidades de cada indivíduo. Assim, como afirma Senhoras (2020) ao abordar a questão da desigualdade no ensino

[..] em todas as esferas do cenário pandêmico, o surto do coronavírus, afetou de modo desigual, educadores e alunos de diversas competências e idades, e por esta razão muitas incompatibilidades educacionais existentes, tiveram que enfatizar a falta de alternativas de ensino à distância, quanto as falhas de acesso de alunos e professores as novas tecnologias (TICs), para ministração das aulas a distância”. (SENHORAS, 2020, p.131)

Frente a esses fatos narrados até aqui, evidencia-se que o ensino remoto emergencial é excludente. Mesmo que todo professor pudesse se fazer de novas metodologias para o aprimoramento das suas práticas, lamentavelmente era visível que nem todos os alunos iriam ter condições de acesso ao ensino, externando assim, a relevância do exercício da docência no ambiente escolar presencial.

## **ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Durante o período de regência docente ocorrido no estágio curricular supervisionado ressalto que ‘ministrar aula’ de forma remota e principalmente sem o contato com os alunos em atividades síncronas foi, ao mesmo tempo, que desafiador, frustrante (1RE). Diante da expansão do novo coronavírus, o contato com a turma se dava por meio de mensagens na plataforma *Google Classroom* e como professora estagiária consideramos que o desenvolvimento das práticas de ensino tornou-se limitadas e incompletas.

Tardif (2014, p. 53) observa que “a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem”, ou seja, é na prática que o licenciando conhece os desafios diários da realidade escolar e suas particularidades. Partindo desta realidade, ressalto a importância do papel do professor em promover a participação/interação dos educandos em aula para o desenvolvimento da sua aprendizagem. Do mesmo modo, Neta, Nascimento, Falcão (2020) enfatizam que “a ausência de interações e vivências desfavorece o desenvolvimento dos alunos, em seu sentido mais amplo” (p. 28).

Isto posto, compreendemos a importância do ensino presencial pelas vivências no estágio de observação e no estágio de regência por entender que há a necessidade do contato entre docente e discente, especialmente para dar segurança aos estudantes com relação aos conteúdos abordados. Considerando a abordagem da Geografia, Dambrós (2014) afirma que “os educandos devem ser instigados a pensar sobre como lugar onde se vivem se organiza tornando-se capazes de buscar respostas para a existência das desigualdades sociais em seu espaço de vivência e, mais que isso, sendo capazes de interferirem nessa realidade” (p.26). Desse modo, como docentes temos de despertar esse interesse de reflexão e curiosidade aos alunos. Faz-se necessário possibilitar caminhos que possam levar a novas descobertas que venham contribuir para o desenvolvimento intelectual e

crítico de cada educando.

## O LEGADO PARA O FUTURO PÓS ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Após vivenciarmos a tal realidade apresentada aqui, fica a questão: A que ponto podemos dizer que o ensino remoto emergencial foi vantajoso? Que impactos teremos no futuro? Embora tenha sido como uma solução para enfrentar a disseminação do novo Coronavírus, percebemos que o cenário educacional brasileiro enfrentou diversos desafios, que até então pouco se avistava sobre a necessidade de se adaptar as novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

Nesse contexto, é visto que a sociedade atual está em constante transformação, e que é necessário estarmos “atentos” aos avanços da tecnologia. Porém, neste aspecto nunca imaginaríamos que esse “olhar atento” aconteceria de maneira tão brusca, onde acabariam causando diferentes impactos na vida pessoal de cada indivíduo, seja ele para o profissional docente ou discente.

No entanto, com o Ensino Remoto Emergencial (ERE) ficou claro que o sistema educacional brasileiro sofre de várias demandas já de longas datas, mas neste período ficou mais evidente ainda, que o problema não é só na infraestrutura de uma instituição ou no quadro de professores ou funcionários incompleto. E sim, na falta de recursos tecnológicos também, o que refletiu mais ainda sobre a grande desigualdade socioeconômica principalmente, entre os estudantes das escolas públicas, além do acesso a rede de internet. Assim como afirma Quinelatto e Santos(2022):

[..] tais aspectos tornam-se ainda mais potencializadas quando adentraram as vidas dos/as marginalizados/as sociais, pobres, mulheres, negros/as, adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, que raramente possuem acesso a rede de internet, equipamentos eletrônicos e espaço adequado ao estudo. Haja vista que o espaço escolar, muitas vezes, é frequentado para que alunos/as realizem as refeições diárias e/ou tenham um espaço de cuidado adulto enquanto suas mães/cuidadoras estão trabalhando.” (QUINELATTO e SANTOS, 2022, p. 8)

A falta de cursos de formação para professores sobre inclusão digital foi notório durante o ERE a dificuldade de muitos professores durante suas práticas. O que ocasionou na sobrecarga excessiva dos docentes, refletindo numa docência exausta, ansiosa e preocupada (SARAIVA, TRAVERSINI, LOCKMANN, 2020). Entretanto, percebe-se que esses foram somente uma pequena parcela dentre várias situações que surgirão na educação pública brasileira pós ERE.

A pandemia demandou muitas mudanças como um novo tipo de aluno e professor, a inclusão do “letramento digital” passou a ser inserida no cotidiano de ambos os lados. O que se pôde entender que será cada vez mais necessária a utilização dessas ferramentas em sala de aula. Pois vivemos numa sociedade em constante transformação, onde nossas práticas pedagógicas se alteram conforme o contexto em que estamos, aliás, Coscarelli (2016) já afirmava antes mesmo da pandemia que:

[...]vivemos novos tempos, novos letramentos. Ser letrado hoje não é garantia de que seremos letrados amanhã, uma vez que as novas tecnologias se renovam continuamente, exigindo leitores e produtores de textos experientes em várias mídias. As escolas precisam preparar os alunos também para o letramento digital, com competências e formas de pensar adicionais ao que antes era previsto para o impresso (COSCARELLI, 2016, p. 17).

Porém, a pergunta que fica é: O que aprendemos com tudo isso? Ou que tipo sequelas pós ERE teremos? Segundo dados do jornal O Globo (2023) emitidos pelo Banco Mundial afirmam que “o déficit cognitivo das crianças pequenas de hoje pode se traduzir em uma queda de 25% de rendimentos em suas vidas adultas. Além disso, os estudantes de hoje podem perder até 10% dos seus ganhos futuros devidos aos choques na educação

provocados pela pandemia.”

O jornal também comenta que teremos uma “*geração perdida*” a falta de interação entre ambos os alunos trouxe muitas preocupações para o andamento do ensino remoto. Somos seres humanos que necessitamos interagir com o próximo, Vygotsky já destacava essa importância para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. Como supracitado a ausência de interações trazia grandes dificuldades para o desenvolvimento das práticas.

Sendo assim, é possível notar que a educação precisará passar por uma grande (re)formulação no sistema educacional, onde será necessário políticas públicas que venham minimizar os “traumas” causados pelo ERE. É um desafio que precisará de muita cautela tanto em parte dos gestores, quanto dos docentes, pois além dos problemas relacionados ao psicológico dos estudantes, ainda tem a busca ativa dos alunos para se evitar a evasão escolar. Esta situação última, agravou-se em consequência de questões econômica de muitas famílias, pela falta de recursos tecnológicos, acesso à internet, dificuldade na aprendizagem pelo ensino remoto, dentre outros. Resgatar esses estudantes é um processo gradativo, ou seja, não acontecerá da noite para o dia, porém é algo em pauta que deverá ser visto com maior exclusividade.

Para tanto, no ensino de Geografia o quadro não é diferente. A Geografia é uma ciência que se faz presente e necessária na vida de todos, é de suma relevância as reflexões que o estudo da educação geográfica trás para a formação crítica do sujeito como cidadão. Conforme, Kaercher (1998), “estar alfabetizado em Geografia significa relacionar espaço com natureza, espaço com sociedade, isto é, perceber os aspectos econômicos, políticos e culturais, entre outros, do mundo em que vivemos” (p.19).

Embora, adoção as novas tecnologias seja uma das estratégias didáticas já bastante exploradas por alguns docentes de Geografia antes mesmo do ensino remoto, percebeu-se que para muitos as práticas no ERE exigiram esforços o que faz ocasionar no impedimento para seguirem em frente com conteúdo. O que irá refletir seriamente no futuro bem próximo, nos processos de alfabetização cartográfica e raciocínio geográfico. Já Almeida e Passini (2010) afirmam que é na escola que precisa “ocorrer a aprendizagem espacial voltada para a compreensão das formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço – o que só será plenamente possível com o uso de representações formais (ou convencionais) desse espaço” (p. 11).

Nesse contexto, se faz essencial a busca por metodologias ativas que venham contornar essas dificuldades encontradas durante o ensino remoto, possibilitando o melhor desenvolvimento intelectual dos estudantes. Pois acreditamos, que cabe ao professor agora apresentar novas propostas que permitem novas interações para a construção do conhecimento em aula, principalmente nesse novo processo de ensino e aprendizagem pós ERE.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos aqui apresentados, torna-se evidente que o ensino remoto deixou muitas lacunas no desenvolvimento da aprendizagem dos discentes, causando também insegurança não só para os docentes como também para os alunos, que tiveram que obter uma nova alfabetização digital, para assim, conseguir dar conta desse novo processo de ensino. Percebemos que muitos ainda não estavam familiarizados com essa rotina tecnológica, outros já dominavam com excelência essa nova ferramenta.

Neste sentido, notou-se a grande desigualdade social presente no país. Ficou claro que o docente foi em busca de se aperfeiçoar para criar novas metodologias de ensino e continuar exercendo sua docência com excelência em sala de aula. Assim como, cada estudante teve que ir atrás de recursos que buscassem auxiliar nos seus estudos. Baseado nisso, destacamos a necessidade da valorização do profissional docente, haja vista também do ensino presencial, pois mesmo diante de diferentes ferramentas tecnológicas se fez necessária a mediação desse saber em sala de aula e a ressignificação da profissão docente.

Todavia, devemos ressaltar que essas dificuldades discutidas ao longo do texto sobressaem-se às experiências nos pré-estágio do EF e EM e o estágio curricular supervisionado visto que estes ainda irão se perpetuar por muito tempo durante o ensino escolar. Porém, não podemos deixar de lado que as vivências nos estágios supracitados foram de suma importância para a formação profissional, pois é a partir dele que o aluno de licenciatura compreenderá as relações entre a teoria – prática que ocorrem dentro do ambiente escolar. Da mesma forma, reiteramos à potencialidade dos registros realizados durante as atividades onde possibilitou na

reflexão significativa das práticas realizadas, principalmente na própria construção do saber docente.

Sobre o ensino remoto emergencial se evidenciou a importância do papel do professor em sala de aula, destaca-se principalmente a Geografia, uma vez que, ratificamos a importância da educação geográfica não só para entender as relações existentes no espaço geográfico, assim para a construção crítica do indivíduo. Sobretudo, busca valorizar as experiências vividas por cada discente, ou seja, saber conhecer a realidade da comunidade escolar em qual está inserida é algo essencial para o desenvolvimento das práticas no ensino de Geografia.

Por fim, julgamos ser pertinente corroborar que cabe a nós educadores neste período pós – ensino remoto emergencial apresentar estratégias de ensino que proponham atividades construtivas que fortaleçam a participação de todos. Neste aspecto, também políticas públicas alinhadas em melhorias de infraestruturas, programas de formação continuada para docentes, entre outros... Onde seja possível superadas barreiras que o ERE trouxe o qual fez impedir de continuar com a aprendizagem de muitos brasileiros em sala de aula.

## CRÉDITOS

Yasmin Esmerio de Souza – Manuscrito original, revisão e edição

Leonor Gularte Soler – Manuscritos original, revisão e edição

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D., & PASSINI, E. Y. (2010). O espaço geográfico: ensino e representação (15ª ed., 4ª Reimpressão). São Paulo: Contexto. (Repensando o Ensino).

BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.

CALLAI, H. C. (2011). A geografia escolar - e os conteúdos da geografia. *Revista Anekumene - Geografía, Cultura y Educación*, 1(1), 128-139. [<https://doi.org/10.17227/Anekumene.2011.num1.7097>](<https://doi.org/10.17227/Anekumene.2011.num1.7097>)

COSCARELLI, C. V. (2016). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial.

COVID-19-o impacto nas crianças e jovens pode resultar numa geração perdida afirma estudo do banco mundial. (2023, 18 de fevereiro). *O Globo, Caderno saúde e bem estar*. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/noticia/2023/02/covid-19-impacto-nas-criancas-e-jovens-pode-resultar-numa-geracao-perdida-afirma-estudo-do-banco-mundial.ghtml>

DAMBRÓS, G. (2014). *Por uma cartografia escolar interativa: jogo digital para a alfabetização cartográfica no ensino fundamental* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

FREIRE, M. (1996). *Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I* (2ª ed.). São Paulo: Espaço Pedagógico.

GONÇALVES, N. K. R., & AVELINO, W. F. (2020). Estágio supervisionado em educação no contexto da pandemia da covid-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 4(10), 41-53. DOI: 10.5281/zenodo.4022983.

KAERCHER, N. A. (1998). Ler e escrever a Geografia para dizer a sua palavra e construir seu espaço. In N. O. Schaffer (Org.), *Encontro Estadual de Geografia: ensinar e aprender Geografia* (pp.1 -12). Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros.

LIBÂNEO, J. C. (1999). *Didática* (15ª ed.). São Paulo: Cortez.

MOREIRA, N. S., & FREITAS, R. A. (2012). A observação como prática pedagógica no ensino de geografia. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais (UFC)*, 3(6), 50-59.

NETA, A. S. O., DO NASCIMENTO, R. M., & FALCÃO, G. M. B. (2020). A educação dos estudantes com deficiência em tempos de pandemia de Covid-19: a invisibilidade dos invisíveis. *Interacções*, 16(54), 25-48. <https://doi.org/10.25755/int.21070>

NÓVOA, A. (2020). A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, 7(3), 8-12.

PROESC blog: Saúde mental dos alunos em tempos de pandemia (Luana Goes). (2020, 18 de novembro). Recuperado de <http://www.proesc.com/blog/saudemental-dos-alunos-em-tempos-de-pandemia>

Quinelatto, R. F., & Campos, R. G. (2022). Ensino remoto, socioeducação e direitos humanos: desafios atuais e futuros na concretude de políticas públicas: Remote teaching, socioeducation and human rights: current and future challenges in the concreteness of public policies. *Revista Cocar*, (12). Recuperado de <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4785>

SARAIVA, K., TRAVERSINI, C., & LOCKMANN, K. (2020). A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. *Práxis educativa*, 15. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094>

TARDIF, M. (2014). *Saberes docentes e formação profissional* (17ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

XAVIER, L. V. M., ROSA, M., & CHAVES, P. A. (2021). Formação docente em Geografia: sobre os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia. *Educação geográfica em movimento*, 2, 18-29. [<https://pibidgeografia.paginas.ufsc.br/files/2021/07/EBOOK-Educação-geográfica-em-movimento-II-JULHO-2021.pdf>](<https://pibidgeografia.paginas.ufsc.br/files/2021/07/EBOOK-Educa%C3%A7%C3%A3o-geogr%C3%A1fica-em-movimento-II-JULHO-2021.pdf>)